

PALCO E CAMPINA

O interesse básico no tema desta publicação é, antes de tudo, humano, e não astrofísico. De que modo o homem está enraizado na natureza? é em torno desta questão que o tema gira. É, sem dúvida, o funcionamento da energia orgone no raciocínio do homem que toca a realidade.

A estrutura de caráter do homem, a história congelada de quatro a seis mil anos passados da sociedade humana, determinará o destino e as condições do homem no futuro próximo. Olhando para a frente através de um denso nevoeiro, que durante muitas décadas tem obscurecido a visão do homem, o autor tentou extrair as últimas consequências do que aprendeu acerca do funcionamento humano durante um período de mais de trinta anos de íntimo conhecimento dos bastidores caracteriológicos do teatro público. Pouquíssimo do verdadeiro drama das lutas sociais da atualidade aparecerá, contudo, nestas páginas. O autor não tenciona estudar o impacto dos acontecimentos dos bastidores sobre o desempenho no palco público. Pelo contrário, ele abriu a porta que conduz dos bastidores do teatro para os espaçosos campos e campinas que cercam o teatro dos assuntos humanos na atualidade. Observado das campinas, sob as estrelas cintilantes dos céus infinitos, o espetáculo no palco parece estranho. De certo modo, os céus infinitos nas noites silenciosas não parecem estar de acordo com o espetáculo no interior do teatro nem com o tema de performance. Tudo que pertence ao espetáculo parece distante, irreal, muito fora do lugar se visto a partir de fora do teatro.

Por que o homem representa histórias de amor alegres, trágicas ou pornográficas no palco, com o auditório cheio de gente rindo, chorando ou vibrando com a luxúria, enquanto nas profundas florestas que envolvem as campinas os policiais estão ocupados em perturbar os silenciosos e ardentes abraços dos namorados? Isto não parece fazer sentido.

Este é apenas um exemplo pequeno e insignificante da grande discrepância e da variedade de absurdos na existência do homem. Não nos voltaremos para nenhuma das questões social, psicológica, biológica ou política, as quais foram profundamente tratadas pelo autor em escritos anteriores. O problema social parece não admitir qualquer tipo de exame dentro da esfera do pensamento e das ações do homem durante os últimos mil anos. Vamos, por este motivo, tentar olhá-lo de fora.

O impulso para o presente estudo veio de algumas experiências perturbadoras no Centro de Pesquisa Orgonômica Infantil, fundado pelo autor com o propósito de estudar a natureza da criança recém-nascida. A pesquisa orgonômica aboliu completamente os limites entre os domínios bioenergéticos e astrofísicos, até então mantidos estritamente delinea

dos pela ciência natural mecanicista e transgredidos apenas pelas experiências místicas, num modo inadequado ao factual. O recém-nascido' aparece como um sistema energético que traz algumas leis cósmicas de funcionamento definidas para o campo de atuação do homem, isto é, permanecendo com nossa analogia, com a criança as leis cósmicas definidas passam através da porta que leva da campina e dos espaços abertos para o interior do teatro e para o palco do drama humano.

Sob este aspecto, o recém-nascido é comparável à experiência que uma pessoa tem ao trabalhar com pulsações orgonóticas no contador Geiger ou no oscilógrafo. Pode-se facilmente mudar de pulsações no organismo vivo para o mesmo tipo de pulsações na atmosfera. Opera-se de modo prático com o princípio comum de funcionamento, o PCF, do homem e do cosmos. Não há mais nenhuma barreira entre um organismo humano e seu meio ambiente cósmico, o qual, por necessidade, é e tem sido sempre origem dele. Esquecemo-nos do espetáculo no palco e concentramo-nos nesta surpreendente identidade prática das funções vivas e não vivas.

Sobre o palco humano, é proibido por lei, sob pena de multa e prisão "ou ambas", mostrar ou mesmo discutir o abraço entre duas crianças do sexo oposto na idade de três ou cinco anos. Em algum lugar da audiência, está sentado um ser humano, abalado em sua segurança emocional, cheio de desejos perversos e ódio contra o que ele perdeu ou nunca conheceu, pronto a correr à delegacia com a acusação de que estão abusando sexualmente de crianças e debilitando a moral pública. Na campina, contudo, o abraço genital de duas crianças é uma fonte de beleza e maravilha. O que une dois organismos com tal força? Nenhuma preocupação com a procriação ou com a família está envolvida. De algum modo, este impulso para unir-se com outro organismo vem com o recém-nascido quando ele passa da campina para o palco. Aqui, o impulso é imediatamente esmagado e arde às ocultas, desenvolvendo fumaça e névoa.

Sobre o palco, o abraço de duas crianças ou de dois adolescentes ou de dois adultos pode parecer sujo, uma coisa totalmente insuportável aos olhos.

Sob as estrelas cintilantes, nunca ocorreria esta reação à visão' do abraço de dois organismos nas mentes sadias. Não estremecemos à visão do abraço de dois sapos, peixes ou animais de outras espécies. Podemos ficar espantados, emocionalmente chocados, mas não teremos nenhum sentimento sujo ou moralista. É assim que a natureza funciona, e de algum modo o abraço se ajusta ao cenário das noites silenciosas e das amplas campinas com o infinito em cima. O cínico intelectual e o indecoroso herói do bar pertencem, naturalmente, ao palco e não à campina, onde eles certamente perturbariam a harmonia e não se ajustariam ao quadro. Mas podemos recusar a crença de que um meditativo sábio

hindu se ofenderia à visão ou não se ajustaria ao quadro.

De algum modo, a profunda busca da mente humana ao encontro de si mesma nunca fracassou nas campinas da natureza, fora do teatro nos espetáculos do palco humano, quer nas altas montanhas quer ao lado de lagos azuis, De certo modo, a harmonia no funcionamento natural pertence ao sábio. Não importa no caso se a meditação humana foi ou não bem sucedida em levantar o véu. Ela, no entanto, tentou fazer isto e sempre fora do domínio das performances no palco humano, seja num teatro, numa reunião política seja numa cerimônia religiosa. Quando o próprio Cristo se achou em dificuldades, ele foi meditar completamente só numa campina ou num monte, nos espaços silenciosos. E, mais uma vez, algo importante, embora inescrutável, foi trazido da campina ou da montanha para o palco humano.

Todo movimento religioso na história do homem tentou, em vão, trazer a mensagem da profundidade emocional da campina para o interior do palco.

Tolerância, bondade, paciência, fraternidade, amor e paz estão, como elementos deste estado de alma sob estrelas cintilantes, contidos em todo credo religioso; mas no momento em que eles foram trazidos para o interior do teatro e para cima do palco, tornaram-se uma farsa e uma impostura. Por quê?

A astronomia tem estado continuamente em íntimo contato com este mesmo estado de alma, Kepler trouxe a idéia de uma força viva, a vis animalis, que governa os céus bem como o organismo vivo sobre o palco. Mas ela não sobreviveu.

As constelações celestes eram na antiguidade representadas de modo muito fantasioso, por diferentes criaturas vivas - o escorpião e o urso, Andrômeda e Hércules e Peixes, etc. Deste modo, o homem sabia que de algum modo ele veio do céu para o qual, em quase toda religião, ele crê que retornará após a morte na terra.

Durante séculos, o homem projetou sua própria imagem no céu sob a forma de diferentes deuses na forma humana, mostrando, mais uma vez, que acreditava que -le mesmo de algum modo tinha raízes nos céus.

Na crença do retorno da alma, da reencarnação (e os crentes não têm sido simples tolos, como as ressecadas pessoas do palco político que querem que acreditemos), o homem tem de algum modo procurado por uma realidade na qual se enraíze na vastidão do universo. Até agora, em vão!

Em tempos mais recentes, o pensamento humano passou cada vez mais a supor que a idéia de uma lei natural universal e a idéia de "Deus" apontam para a mesma realidade.

Os matemáticos abstratos, de Pitágoras aos modernos relativistas,

têm de certo modo admitido que a capacidade humana de raciocinar está intimamente relacionada com as funções cōsmicas. Na verdade, nenhuma ligação concreta entre a razão e o universo se tornou evidente. Além disso, a íntima conexão era uma suposição. O simples raciocínio parece ter corroborado essa íntima interrelação entre a "mente" e o "universo". Contudo, não é fácil compreender quais são estas ligações. A Orgonomia tem contribuído com importantes insights para este enigma ao mostrar as transições do raciocínio para as emoções, das emoções para os instintos, dos instintos para as funções bioenergéticas, e das funções bioenergéticas para as funções físicas da energia orgone.

Deste modo, a força propulsora da pesquisa e a crença religiosa se encontram em algum lugar nos vastos espaços. Mas tanto o raciocínio como a crença deturpam instantaneamente a clareza da experiência da campina quando ela é transferida para o palco humano. POR QUÊ? Porque o homem é na campina um ser diferente daquele sobre o palco? Provavelmente, mas esta resposta não é suficiente.

Agora, as fronteiras que separam a crença religiosa do raciocínio puro foram cruzadas, ou melhor, apagadas pela pesquisa do orgone. Foi mostrado em Éter, Deus e Diabo que tanto a razão quanto a crença estão enraizadas no funcionamento orgonótico bioenergético do homem. Ambas são enraizadas no mesmo domínio funcional.

Deste modo, parece que todos os acontecimentos no palco estão de algum modo enraizados nos acontecimentos da campina. Mas a raiz comum é ofuscada pelas mudanças precisas que ocorrem durante a passagem pela porta que conduz da vastidão da natureza para a estreiteza do palco. Do lado de fora, todas as coisas parecem ser UMA. Do lado de dentro, o próprio palco está claramente separado do auditório. Do lado de fora, você pode aparecer como você é. Do lado de dentro, você tem de disfarçar sua verdadeira aparência com uma barba ou uma pose ou uma expressão de fingimento. Do lado de fora, duas crianças num abraço profundo não surpreenderiam nem chocariam ninguém. Do lado de dentro, se invocaria imediatamente a ação da polícia. Do lado de fora, uma criança é uma criança, um bebe é um bebe, e uma mãe é uma mãe, não importa se na forma de alce ou urso ou ser humano. Do lado de dentro, um bebe não é um bebe se a mãe não mostrar um atestado de casamento. Do lado de fora, conhecer estrelas é conhecer Deus, e meditar sobre Deus é meditar sobre os céus. Do lado de dentro, de certo modo, se você acredita em Deus, você não compreende ou se recusa a compreender as estrelas. Do lado de fora, se você busca os céus, você se recusa, e com todo o direito, a acreditar na pecaminosidade do abraço natural. Do lado de fora, você sente seu sangue latejando e não tem dúvidas que alguma coisa está se movendo em você, uma coisa que se chama emoção, e está localizada, sem dúvida alguma, no meio de seu corpo e próxima do seu coração. Do lado de dentro, você não vive com todo seu organismo, mas apenas com seu cérebro; e não

apenas é proibido estudar as emoções, como você é acusado de ser um adepto da frenologia e do misticismo se experimenta emoções do lado de dentro do mesmo modo que as experimenta do lado de fora. Do lado de fora, há uma coisa como o movimento e a palpitação de tudo, desde a atmosfera até seus nervos; do lado de dentro, há apenas os espaços vazios e os átomos dissolvidos numa série infinita de "partículas".

Paremos, por enquanto. Isto é suficiente para mostrar a grande discrepância.

Estamos nos movendo agora em direção aos espaços abertos para descobrir, se possível, o que o recém-nascido traz consigo para o palco humano. Este estudo lidará, entre outras coisas, com furacões, com a forma das galáxias e com o "anel" da aurora boreal. Isto surpreenderá o leitor. E ele inevitavelmente perguntará: o que um bem conhecido e eminente psiquiatra tem a ver com furacões, galáxias e aurora boreal? Não é isto prova suficiente da notícia que ele estava "pirado" alguns anos atrás, após ter atingido um alto grau de distinção no campo da psiquiatria? Não é o escritor que estava "pirado", mas o leitor que pensa deste modo. Esqueceu sua origem e se recusa a ser incomodado no gozo do fingimento do espetáculo do palco.

Ele tem-se recusado a deixar o teatro e a seguir-nos através da porta para a vasta campina, donde todos os seres se originaram. Ele não percebeu que o recém-nascido não pode possivelmente ser compreendido do ponto de vista da cultura em que nasceu. Ela é seu futuro: e ele só pode ser compreendido a partir donde veio, isto é, de FORA do palco.

Furacões, galáxias e aurora boreal interessam a um ser humano que lida com o doente mental e com os recém-nascidos se ele segue consistentemente o fio vermelho da investigação e do raciocínio que conduz da aparência externa da observação desimpedida do comportamento do homem para sua origem no domínio do funcionamento cósmico. As pessoas que desejam ficar do lado de dentro e se recusam a mover-se para o lado de fora têm, naturalmente, o direito de fazer isto. Mas elas não têm o direito de julgar a experiência das pessoas que não acreditam na racionalidade do espetáculo no palco, que se recusam a aceitar o dogma de que aquilo que o homem mostra do lado de dentro no estreito espaço do palco é seu ser verdadeiro e sua verdadeira natureza. As pessoas que permanecem sentadas no seu lugarzinho seguro não têm nenhum direito de julgar o que o andarilho do lado de fora experimenta, vê, cheira, vive. Nenhum morador da Rua 32 que nunca deixou Nova York ousaria julgar o relatório de um explorador do Pólo Norte. Contudo, mesmo sem ter se preocupado em espiar através da fechadura da porta, ele usurpa o direito de julgar as experiências da Orgonomia, que funciona bem distante de seu pequeno e estreito palco. Deixemo-lo ser modesto e confinarse em seu pequeno mundo. Numa demonstração de autoritarismo nos livre-

mos dele e não lhe permitamos ter opiniões sobre coisas que ele nunca sonhou em se aproximar. Ele pode ser uma autoridade no palco do teatro, um crítico bem treinado da peça ou pode ser um ator desempenhando o papel de um professor de biologia ou astronomia. Mas em todos os casos ele está dentro do teatro. E ao menos que caminhe para a campina e olhe em torno de si, vendo o que é para ser visto nos espaços abertos, é melhor que ele permaneça quieto e sentado confortavelmente onde está. Ninguém irá condená-lo. Do lado de fora, contudo, ele não é nenhuma autoridade. Não há barbas falsas do lado de fora, há apenas seres humanos procurando e indagando acerca de sua origem e por que estão aí. Devemos ficar contentes ao pegar sua mão e levá-lo para a noite, onde aprendemos primeiro a ver e a sentir o que tencionamos me dir. Devemos estar felizes ao fazermos isto. Mas deixemos primeiro que ele remova sua falsa barba de dignidade. Deixemos que ele seja an tes de tudo homem.

Finalmente, isto deve ser dito claramente: a aparente imodéstia' do escopo desta investigação é qualidade da "superimposição cósmica" em funcionamento e não do investigador. Estamos lidando com dimensões cósmicas, medidas em "anos-luz", não em segundos.